
[¿Como a definição de Floresta da FAO prejudica pessoas e florestas?](#) Carta aberta à FAO

Se você ainda não assinou, nós o convidamos a apoiar esta carta. A carta chamando à revisão da definição será enviada à FAO em 21 de março, quando se comemora o Dia Internacional das Florestas.

Envie um email para fao2017@wrm.org.uy e inclua o nome e o país da sua organização.

Desde já, obrigado!

Lançada no dia 21 de setembro, Dia Internacional de Luta contra as Monoculturas de Árvores

Em setembro de 2015, durante o XIV Congresso Florestal Mundial, milhares de pessoas foram às ruas de Durban, na África do Sul, para protestar contra a forma problemática em que a Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO) insiste em definir as florestas.(1) A definição da FAO basicamente considera as florestas apenas como “um monte de árvores”, enquanto ignora outros aspectos fundamentais, incluindo as suas muitas outras formas de vida, como outros tipos de plantas, animais e as comunidades humanas que dependem da floresta. Da mesma forma, a definição ignora a contribuição vital das florestas para os processos naturais que proporcionam solo, água e oxigênio. Além disso, ao definir “florestas” como sendo apenas uma área mínima de terra coberta por um número mínimo de árvores com um percentual mínimo de altura e copa, a FAO tem promovido ativamente o estabelecimento de muitos milhões de hectares de plantações industriais de árvores, principalmente de espécies não nativas e nos países do hemisfério Sul. Como consequência, apenas um determinado setor tem se beneficiado: a indústria de plantações de árvores. As plantações industriais de árvores têm sido a causa direta de muitos impactos negativos sobre as comunidades locais e suas florestas, os quais têm sido bem documentados. (2)

Na marcha de protesto que aconteceu em Durban, as pessoas tinham cartazes dizendo Plantações não são florestas!, e a manifestação terminou em frente à sede do Congresso Florestal Mundial, que foi organizado pela FAO. Em resposta a um chamado de líderes da sociedade civil na marcha, um membro do WFC saiu do prédio onde ocorria o Congresso para receber um abaixo-assinado com mais de 100.000 assinaturas de pessoas e grupos de todo o mundo. O documento chamava a FAO a alterar urgentemente sua definição de floresta e reconhecer as florestas por seu verdadeiro significado. Mas, mais uma vez, a organização não alterou a sua definição.

No entanto, algo novo aconteceu: ao contrário do silêncio diante das reivindicações anteriores para que a FAO mudasse sua definição equivocada de floresta, desta vez a organização reagiu ao protesto e enviou uma carta. Um ponto que consta da carta da FAO é particularmente interessante: *“Na verdade, há mais de 200 definições nacionais de florestas que refletem uma variedade de*

interessados no tema...". E continua: "... para facilitar a comunicação de dados..., é necessária uma categorização globalmente válida, simples e operacional das florestas", que permita "comparações constantes, durante longos períodos, sobre o desenvolvimento e as mudanças florestais globais". Ao escrever isto, a FAO tenta nos convencer de que o seu papel é apenas o de harmonizar as mais de 200 diferentes definições de florestas de diferentes países.

Mas será que a definição atual de floresta da FAO não influencia a forma como as 200 definições nacionais foram formuladas? E a FAO está correta ao afirmar que as muitas definições nacionais de floresta refletem uma variedade de interessados nesses países, novamente menosprezando sua própria influência?

Nós acreditamos no contrário. Para começo de conversa, a definição de floresta da FAO foi adotada há muito tempo, em 1948. De acordo com uma análise conjunta feita recentemente por diferentes autores de conceitos e definições florestais, "a definição da FAO, acordada por todos os seus membros [membros da ONU], é a primeira a ser usada por todos os países para fazer relatórios com padrões comuns; a definição de floresta adotada pela FAO continua sendo a mais usada hoje em dia".(3)

Um bom exemplo para ver se a definição da FAO está sendo usada é o Brasil, o país com a maior cobertura florestal no Sul global e, de acordo com fontes oficiais, com quase 8 milhões de hectares de plantações industriais de árvores, principalmente monoculturas de eucalipto. Em sua publicação *Florestas do Brasil*, de 2010 (4), o Serviço Florestal Brasileiro (SBF), que faz parte do Ministério do Meio Ambiente e é responsável por questões relacionadas a florestas, "(...) considera como floresta as tipologias de vegetação lenhosas que mais se aproximam da definição de florestas da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO)". Como consequência lógica do fato de que sua definição se baseia no que a FAO já definiu, afirma que "o Brasil é um país (...) de florestas naturais e plantadas", onde a expressão "florestas plantadas" se refere aos 8 milhões de hectares de monoculturas, em sua maioria de eucalipto. A forma como o governo brasileiro define floresta, portanto, não é resultado de um processo que "...reflete uma variedade de interessados no tema". Pelo contrário, é resultado do que a FAO já havia determinado.

Mas a influência da definição de floresta da FAO vai além de determinar as definições nacionais. Nestes tempos de mudanças climáticas, ela tem sido o principal ponto de referência para definir o que é uma floresta no âmbito da Convenção sobre Mudanças Climáticas da ONU (UNFCCC). Ao adotar a definição estreita da FAO, baseada na madeira, a UNFCCC também promoveu uma visão da floresta como uma área de terra contendo apenas árvores. Para a UNFCCC, o mais importante em uma floresta são as árvores, por causa de sua capacidade de armazenar carbono à medida que crescem, e não as comunidades que dependem da floresta. Na maior parte, essas comunidades afetadas são impactadas negativamente pelas restrições impostas ao uso de recursos florestais por "projetos de compensação carbono florestal", também chamados, muitas vezes, de projetos de REDD+ (5). Uma definição de florestas que trata apenas de árvores abre a porta para incluir "florestas plantadas" – leia-se: plantações industriais de árvores – uma forma completamente falsa de "redução do desmatamento e da degradação florestal" – como opção dentro da convenção de mudanças climáticas, através da qual o carbono pode supostamente ser sequestrado da atmosfera e armazenado permanentemente. Na prática, é apenas mais uma oportunidade para a indústria das plantações de árvores ganhar dinheiro e uma grande ameaça para as comunidades afetadas pela tendência de expansão dessas plantações como "sumidouros de carbono".(6)

Na sequência das últimas negociações da UNFCCC, os países têm revisto suas leis florestais recentemente, na esperança de atrair o chamado "financiamento para o clima". Previsivelmente, as

definições usadas têm por base a definição de florestas da FAO. Em Moçambique, por exemplo, em um seminário sobre REDD+, um consultor propôs uma nova definição de floresta para o país. Assim como a da FAO, ela também se baseia na presença de árvores, dizendo que uma floresta é uma área onde há “... *Árvores com potencial para alcançar uma altura de 5 metros na maturidade (...)*”. Também na Indonésia, a apresentação do Ministério do Meio Ambiente e Florestas à Conferência da ONU sobre o Clima em 2015 declarou que tinha “... *adaptado a definição de floresta da FAO...*” para definir suas florestas. Mais uma vez, é uma formulação que define e valoriza uma floresta somente através de suas árvores e divide “florestas” em um número de diferentes categorias, incluindo “floresta natural” e algo chamado de “*florestas de plantação*”.

A definição de floresta da FAO também influencia as ações das instituições financeiras e de desenvolvimento que promovem atividades baseadas na madeira, como a extração industrial de madeira de florestas, as plantações industriais de árvores e a compensação de carbono por REDD+. O principal exemplo é o Banco Mundial (BM), o qual, como parte do conglomerado da ONU, tem feito parcerias com a FAO por décadas, em uma série de iniciativas relacionadas a florestas. Recentemente, eles uniram forças mais uma vez, em um dos planos mais ambiciosos lançados durante a COP 21 em Paris, a chamada Iniciativa para a Restauração da Paisagem Florestal Africana (AFR100) (7). A AFR100 visa cobrir com árvores 100 milhões de hectares de terras desmatadas e chamadas de “degradadas” em diferentes países africanos. O Banco Mundial vai disponibilizar um bilhão de dólares para o plano. Mas, para entender o que o Banco considera como “*reflorestamento*”, é crucial ver como ele próprio define uma floresta. Previsivelmente, sua definição também é emprestada da FAO, descrevendo uma floresta como “*uma área de terra ... com cobertura de copa de mais de 10% e que tenha árvores ...*”. (8) Ao definir florestas dessa forma, o Banco Mundial escancara as portas para que empresas de plantação de árvores expandam suas grandes monoculturas sobre os territórios comunitários na África e, assim, façam parte do ambicioso plano de “restauração” que ele está promovendo em conjunto com a FAO e outros parceiros. A proposta da AFR100 se parece muito com o fracassado Plano de Ação para a Silvicultura Tropical (TFAP) da década de 1980, que também foi idealizado pelo Banco Mundial em colaboração com a FAO.

Considerações finais

É urgente que a FAO pare de apresentar as plantações industriais de árvores como “*florestas plantadas*” ou “*silvicultura*”, pois governos nacionais, outras instituições da ONU e instituições financeiras, bem como os principais meios de comunicação, seguirão seu exemplo inadequado. Essa confusão deliberada de plantações de árvores com florestas está enganando as pessoas, porque as florestas em geral são vistas como algo positivo e benéfico. Afinal de contas, quem seria contra “*florestas*”?

Acima de tudo, a FAO deve assumir total responsabilidade pela forte influência que sua definição de “*floresta*” tem sobre as políticas econômicas, ecológicas e sociais globais. O abaixo-assinado de 2015, que foi apresentado à FAO em Durban, afirma que ela se apresenta, em seus princípios fundamentais, como um “*fórum neutro, onde todas as nações se reúnem como iguais*”. Para corresponder a essa afirmação, entre outras coisas, a FAO deve rever urgentemente sua definição de floresta, passando de uma visão que reflete as preferências e perspectivas de empresas de madeira, celulose/papel, borracha e comércio de carbono, para uma que reflita as realidades ecológicas, bem como os pontos de vista dos povos que dependem da floresta. Em contraste com a atual influência dominante que as indústrias baseadas na madeira exercem através da FAO, um processo transparente e aberto para estabelecer definições novas e apropriadas para florestas e plantações de árvores também deve envolver efetivamente essas mulheres e esses homens que dependem diretamente das florestas e por isso as protegem.

-
- 1 - "Terra com cobertura de copa (ou densidade equivalente) de mais de 10% e área de mais de 5 hectares (ha). As árvores devem ter potencial para atingir uma altura mínima de 5 metros na maturidade in situ".
 - 2 - Veja mais em <http://wrm.org.uy/pt/navegue-por-tema/plantacoes-de-arvores/>
 - 3 - Chazdon, R. L., Brancalion, P. H. S., Laestadius, L. et al. Ambio (2016). doi:10.1007/s13280-016-0772-y. When is a forest a forest? Forest concepts and definitions in the era of forest and landscape restoration (<http://link.springer.com/article/10.1007/s13280-016-0772-y>).
 - 4 - http://www.mma.gov.br/estruturas/sfb/_arquivos/livro_portugus_95.pdf.
 - 5 - Veja mais em <http://wrm.org.uy/pt/livros-e-relatorios/redd-uma-colecao-de-conflitos-contradicoes-e-mentiras/>
 - 6 - http://www.greenpeace.org/international/Global/seasia/Indonesia/pdf/FREL_Report.pdf
 - 7 - <http://www.wri.org/our-work/project/AFR100/about-afr100>.
 - 8 - <http://tinyurl.com/j5d6mbv>

Organizaciones adherentes (Março 16, 2017)

Abibiman Foundation in Ghana
Acción Ecologica
Acción por la Biodiversidad
Africa Europe Fair and Justice Network
African Women's Network for Community management of Forests (REFACOF)
Aliança RECOs – Redes de Cooperação Comunitária Sem Fronteiras
Alianza Biodiversidad
All India Forum of Forest Movements.
Allure Marketing
Ambiente, Desarrollo y Capacitación
ARA
ARBA (Asociación para la Recuperación del Bosque Autóctono)
Árboles sin Fronteras
ARPENT - Association pour la Restauration et la Protection de l'Environnement Naturel du Tonnerrois
Asoc. Conservacionista YISKI
Asoc. Lihuen Antu
Asociación Amigos de los Parques Nacionales (AAPN)
Asociación Comunitaria Soluciones
Asociación de Usuarios del Agua de Saltillo AUAS, A.C.
Asociacion Ecologica del Oriente, Santa Cruz de la Sierra
Asociacion ecologista rio mocoreta
Asociación Ecologistas en Acción Las Palmas de Gran Canaria
Asociación Geográfica Ambiental
Asociación Qachuu Aloom "Madre Tierra"
Asociacion Red de Coordinacion en Biodiversidad
Associação dos Geógrafos Brasileiros, Seção Local Três Lagoas (AGB/TL)
Attac France
Australian Food Sovereignty Alliance

BankTrack
BCMTY.org Chile
BCMTY.org New Zealand
Berggorilla & Regenland Direkthilfe
Biodiversity Conservation Center,
Biofuelwatch, UK/US.
Biowatch
Blog Combate Racismo Ambiental
Borneo Orangutan Survival (BOS)
Botshabelo Unemployment Movement
Brainforest
Brighter Green
Bruno Manser Fund
BUND - Friends of the Earth Germany
Campaign for Survival and Dignity (CSD)
Censat Agua Viva.
Center for Food Safety
Centro de Investigación, Validación y Transferencia Tecnológica para el Desarrollo Rural, Ac
Centro Internazionale Crocevia
CETRI - Centre Tricontinental
Chilamate Rainforest Eco Retreat
Climate change awareness kenya
Coalition Against Land Grabbing
COECOCEIBA-Amigos de la tierra Costa Rica
Colectivo VientoSur
Comité Nacional para la Defensa y Conservación de Los Chimalapas
Community Forestry Users Nepal (FECOFUN)
Conselho Indigenista Missionário
Construisions Ensemble leMonde

Consumers Association of Penang
Cork Forest Conservation Alliance
Crescente Fétil
Denkhausbremen
Diálogo 2000 - Jubileo Sur Argentina
Dogwood Alliance
EcoNexus
Edenvale RiverWatch
Environmental Association for Latin America
European Civic Forum
FASE Espírito Santo
Federación de Estudiantes de la Universidad de Chile (FECH)
Finance & Trade Watch (Austria)
Flemish Centre for Indigenous Peoples
Focus on the Global South
Forest Observatory
Forests of the world
Forum Carajas
Fórum Mudanças Climáticas e Justiça Social
Forum Ökologie & Papier

Fossil-Free South Africa
Friends of the Earth Interantional
Friends of the Earth Sweden
Friends of the Siberian Forests
Fundación Azul Ambientalistas
Fundación para el Desarrollo Comunal Integral
Fundacion Recysol
GeaSphere
Geografía Viva
Global Forest Coalition
Global Justice Ecology Project
GRAIN
Great Ape Project
Greenpeace International
GroundWork
Grupo de Investigación de Suelo y Agua (GISA)
Grupo de Trabalho em Assuntos Agrários (GT Agrária - Seção Rio-Niteroi) da Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB)
Grupo ETC
Grupo Guayubira
Grupo Semillas
Guardianes del Iberá
Human Rights Law Network
ICCA Consortium
ICRA International
Indigenous Environmental Network
Instancia de Consenso del Pueblo Maya Q'eqchi'-Poqomchi' de Alta Verapaz "K'amol B'e"
Institute for Agriculture and Trade Policy
Instituto Amazónico de Investigaciones Imani, Universidad Nacional de Colombia
Instituto Socioambiental
International Center for Technology Assessment
International Tree Foundation
Intipachamama
Jubileo Sur Americas
Just Forests
Justica Ambiental / FoE Mozambique
Kalpavriksh
La Asamblea Veracruzana de Iniciativas y Defensa Ambiental (LAVIDA)
Maderas del Pueblo del Sureste, AC
Maiouri Nature Guyane
MEFP
Mesa Coordinadora De Jubilados y Pensionados de la República Argentina Filial Chaco
MLT – Movimento de Luta pela Terra
Mother Nature Cambodia (MNC)
Movimento Amigos da Rua Gonçalo de Carvalho
Movimento Camponês Popular
Movimento Mulheres pela P@Z!
Movimiento Colombiano en Defensa del Territorio y afectados por Represas "Rios Vivos"
MST- Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
Nature and Youth Sweden

Naturvernforbundet - FoENorway

Núcleo de Pesquisa Estado, Sociedade e Desenvolvimento na Amazônia Ocidental- NUPESDAO

Oasis Earth

Observatório dos Conflitos no Campo (OCCA)/UFES

OFRANEH

Oilwatch Latinoamérica

OLCA - Observatorio Latinoamericano de Conflictos Ambientales

Orang-Utans in Not e.V.

OPIROMA - Organização dos Povos Indígenas de Rondônia, Noroeste do Mato Grosso e Sul do Amazona

Otros Mundos AC/Amigos de La Tierra México

Pacific Institute of Resource Management

PAPDA - Plateforme haïtienne de Plaidoyer pour un Développement Alternatif

Partner Südmexikos e.V.

PGU (Personal-Global-Universal): Towards Equitable Sustainable Holistic Development

PLANT

Pro Natura – Friends of the Earth Switzerland

Programa Universitario Diversidad Cultural e Interculturalidad - UNAM oficina Oaxaca

Protect the Forest

Proyecto Gran Simio (GAP/PGS-España)

Proyecto Lemu - Epuyen - Chubut

PUSH

Rainforest Foundation

Rainforest Relief

RECOMA - Red Latinoamericana contra los monocultivos de árboles

Red Argentina de Ambiente y Desarrollo

Red de Acción por los Derechos Ambientales (RADA)

Red de Coordinación en Biodiversidad

Red de Mujeres Rurales de Costa Rica

Red de Semillas "Resembrando e Intercambiando"

Refopar(Reforestemos Paraguay)

Reforest the Earth

Regenwald statt Palmöl"

Robin Wood e.V.

Russian Social Ecological Union

Sahabat Alam Malaysia (Friends of the Earth Malaysia)

Salva la Selva

SAVIA - Escuela de Pensamiento Ecologista

School of Democratic Economics, Indonesia

Siemenuu - Foundation for Social Movements' Cooperation sr.

Solidarity Sweden - Latin America

SOS Forêt du Sud

Swedish foundation Naturarvet

Synchronicity Earth

Tanzania Alliance for Biodiversity

Terra Australis Co-Op Ltd

Terra Nuova - Centro per il volontariato Onlus

The Bioscience Resource Project

The Corner House

The Gaia Foundation

The Indigenous People of Mariepsko

ThiSaBi
TimberWatch
Transnational Institute
Unión Universal de Desarrollo Solidario
Universidade Federal de São João Del Rei
Verdegaia
WALHI/Friends of the Earth Indonesia
War on Want
Woodland League
World Rainforest Movement
Zo Indigeous Forum (ZIF)
ZZ2